



Temática 2: Direito à Informação, Acesso à Informação e Inclusão Social

Inclusão Social dos Moradores da Comunidade Santa Clara uma ação no ciberespaço

Maria Giovanna Guedes Farias

giovannaguedes@hotmail.com

Universidade Federal da Paraíba

Isa Maria Freire

isafreire@globo.com

RESUMO

Trata-se de pesquisa realizada durante mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba na Comunidade Santa Clara (CSC), em João Pessoa, Paraíba. O objetivo foi direcionado para a inclusão dos moradores desta Comunidade na sociedade da informação mediante sua inclusão virtual. A intervenção se deu mediante pesquisa de campo para coleta, organização e divulgação das “fontes de informação” constituídas por pessoas da CSC. Produziu-se o sítio virtual “Blog da Comunidade Santa Clara” onde foi disponibilizado, para acesso livre, estoques de informação das pessoas depositárias da memória social e do saber da CSC. A ação de informação desenvolvida na CSC teve como finalidade promover o exercício da cidadania e o reconhecimento dos moradores da sua identidade social, de si próprios e de sua realidade, além de facilitar a produção de novos conhecimentos por outros atores sociais. Ao serem inseridos no mundo virtual, os moradores podem vir a ser reconhecidos pela sociedade civil e transformar seu tesouro de conhecimentos em benefícios para a CSC.

Trabalhos técnico-científicos

PALAVRAS-CHAVE:

Blog. Ciberespaço. Ciência da Informação. Comunidade. Inclusão Social.

1 Introdução

Nesta pesquisa, a inclusão social ocorreu mediante inserção da Comunidade Santa Clara (CSC) no ciberespaço. Trata-se de uma comunidade popular urbana constituída na cidade de João Pessoa, Paraíba, nas proximidades do Campus I da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Nosso trabalho se pauta no pensamento de que o pensar e agir coletivamente deve se voltar para a comunidade, onde indivíduos buscam sua sobrevivência no mundo real globalidade, e buscam uma identidade social enquanto pessoas, cidadãos e moradores da



**XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,
Documentação e Ciência da Informação**
Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social
Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011

comunidade. Isso porque a interdependência que nos liga no mundo globalizado leva à reflexão de que não há como agir individualmente, principalmente nos momentos onde se faz necessário pensar na coletividade, nos benefícios advindos de nossa ação para uma sociedade, comunidade ou grupo social.

Para resgatar e preservar a memória dos moradores da CSC, que se encontra oculta na cabeça de cada morador mais antigo e mais experiente da Comunidade disseminamos o tesouro de conhecimentos da Comunidade Santa Clara em um sítio virtual “Blog da Comunidade Santa Clara”.

Ao discorrermos sobre as palavras identidade e comunidade, consideramos a informação como um instrumento capaz de modificar a consciência do indivíduo, do grupo, em que ele se encontra socialmente incluído e da própria sociedade (BARRETO, 1999). De acordo com Guerreiro (2006), ao longo da história da humanidade o conhecimento é o que constitui o maior capital e favoreceu o acúmulo de riquezas, pois em civilizações passadas foi o grande responsável pela auto-suficiência econômica e pela soberania territorial, possibilitando o progresso técnico, a divisão social do trabalho e a globalização do mercado.

Esse conhecimento de que trata o autor é representado pela informação, e dessa maneira, Guerreiro (2006) explica que conhecer implica saber como produzir e disseminar informações para solucionar problemas de ordem econômica e cotidiana na vida em sociedade. Esses problemas são, no caso da Santa Clara, o possível esquecimento das memórias dos moradores, o que é um processo natural do ser humano, por que, conforme Chesneaux (1996), os lugares na memória desaparecem, embora sejam sinais e marcos inscritos na duração da vida, os ancoradouros históricos fundadores da identidade social coletiva. Nas palavras do autor, “A modernidade faz esquecer o passado” (CHESNEAUX, 1996, p.36). Com nossa intervenção na CSC, registrando a história oral dos moradores, procuramos não deixar a modernidade esquecer o passado da Santa Clara, mas, sim, reavê-lo através de narrativas transmutadas em informação pela ação da pesquisa.

Desta forma, visamos contribuir para a discussão, no campo da Ciência da Informação, sobre a relevância de se fazer um registro de conhecimentos de comunidades onde o saber popular é o traço mais marcante difundido entre os moradores. Ainda nesse contexto, objetivamos abordar os aspectos relacionados ao modo como se dá o registro de conhecimentos da CSC no ciberespaço, ademais que a informação digitalizada e veiculada pela Internet pode significar um modelo de produção e socialização do conhecimento em comunidades excluídas, neste



XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação

Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social
Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011

momento histórico, do acesso às tecnologias digitais. Neste caso, não seria uma adaptação ao mundo virtual, mas a busca por compartilhamento de informações, pela sobrevivência social e cultural do mundo real em sua relação com o virtual.

2 Inclusão no Ciberespaço

Há mais de dez anos, Pierre Lévy anunciava que a realidade contemporânea era expressa de forma que “a riqueza vem das ideias, e das ideias de exploração das ideias em um meio humano favorável à multiplicação de ideias” e que por isso a participação “nos processos de inteligência coletiva, de transação econômica e de sociabilidade no ciberespaço” (LÉVY, 2001, p. 68) terá de ser obrigatória para a produção de riqueza. O que o autor anteviu é constatado hoje em todos os setores da nossa sociedade, uma tendência que deixou de ser exclusividade das classes econômicas privilegiadas e passou a abranger outros estratos sociais, como é o caso das comunidades populares urbanas.

Nas primeiras décadas deste século, de acordo com Lévy (2001), mais de 80% das pessoas vão ter acesso ao mundo virtual podendo se servir dele, tanto economicamente como socialmente. “O ciberespaço será o epicentro do mercado, o lugar da criação e da aquisição de conhecimentos, o principal meio da comunicação e da vida social”. (LÉVY, 2001, p. 51). Ainda segundo o autor, fazer oposição à sociabilidade e às trocas intelectuais, livres e gratuitas, e mesmo às atividades comerciais no ciberespaço, seria um absurdo, principalmente por que o ciberespaço não é só um “*instrumento* a serviço do mercado, da comunidade científica ou da liberdade de expressão democrática, ele é também um dos principais *produtos* de sua cooperação” (LÉVY, 2001, p. 105, grifo do autor).

Vemos, aqui, que para pensar o ciberespaço como um meio de sociabilidade e trocas comerciais temos que necessariamente definí-lo. Para isso, adotamos a visão de Nunes Filho (2009), que explica o ciberespaço como um sistema virtual complexo e ramificado de significações produzidas, armazenadas e disponíveis em forma de textos, imagens estáticas – dinâmicas e som. De acordo com o autor, trata-se de um ambiente desterritorializado, que opera com diferentes fluxos de informação dispostos de modo não linear ao formar uma rede digital como conexões sucessivas. Nunes Filho (2009) define a arquitetura tecnológica do ciberespaço como uma rede virtual entrelaçada por uma infra-estrutura de multiservidores,



**XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,
Documentação e Ciência da Informação**
Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social
Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011

cabos ou satélites, bancos de armazenamento e agenciamento de conteúdos. Segundo ele, essa estrutura possibilita o diálogo com diferentes mídias e linguagens, com formação de,

[...] amplo tecido fragmentário com partes que se interconectam a partir de escolhas deliberadas pelo usuário e onde a noção de tempo anula a noção de espaço geográfico. Ainda neste contexto, o ciberespaço pode ser dimensionado como metáfora das grandes cidades, com seus fluxos de organizações, redes visíveis e invisíveis, movimentos espontâneos, sinalizações, regras de funcionamento, deslocamentos e leis de convivência coletiva. (NUNES FILHO, 2009, p. 221)

O conceito trazido por Nunes Filho ainda pode ser ampliado com a concepção de Lévy (2001, p. 105), quando diz que o ciberespaço é “provavelmente a instituição humana, a mídia em formação, o espaço de comunicação mais transversal e mais aberto criado atualmente. Isso maximiza todas as possibilidades de cooperação competitiva”.

O ciberespaço encoraja, na perspectiva de Lévy (1999), um estilo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos (telecomunicação, telepresença) e da coincidência dos tempos (comunicação assíncrona). O que, para o autor, não chega a ser uma novidade absoluta, uma vez que o telefone já nos habituou a uma comunicação interativa. Mas se o correio (ou a escrita em geral) nos proporcionou uma tradição bastante antiga de comunicação recíproca, assíncrona e a distância, só as particularidades técnicas do ciberespaço permitem aos membros de um grupo humano coordenarem, cooperarem, alimentarem e consultarem uma memória comum, e isto quase em tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários. Com base neste escopo conceitual, e de acordo com Nunes Filho (2009), o ciberespaço pode ser caracterizado como um espaço híbrido de informações sígnicas que se enlaçam de forma recorrente e nos remete, infinitamente, a novas informações, dada a sua natureza pluritextual e sonora-visual.

Entretanto, Lévy (1999) explica que, é preciso, antes de tudo, estar em condições de participar ativamente dos processos de inteligência coletiva que representam o principal interesse do ciberespaço. O autor ainda alerta, que os novos instrumentos deveriam servir prioritariamente para valorizar a cultura, as competências, os recursos e os projetos locais, para ajudar as pessoas a participar de coletivos de ajuda mútua, de grupos de aprendizagem cooperativa. O conhecimento popular transmitido de geração em geração, demonstra a cultura do povo, dos moradores e pode ser salvo pela própria tecnologia denominada de avançada.



**XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,
Documentação e Ciência da Informação**
Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social
Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011

Para definição dessa tecnologia de que tratamos, nos utilizamos das concepções de Guerreiro (2006), que aponta a tecnologia, nesse caso, como simples em sua concepção, por não requerer maiores explicações sobre o fato em si. De acordo com o autor, ao transformar o conhecimento privado em público, esse passa a constituir um saber social, podendo ser transmitido de geração para geração.

A base de nossos conhecimentos mais elaborados e científicos, na acepção do termo, está na própria natureza humana. O progresso técnico, social, político, educacional, cultural, econômico e todos os demais avanços da história humana decorrem da demanda de interesses e necessidades básicas de melhora da condição de vida biológica e social. [...] Dessa forma, todas as tecnologias têm em comum a penetrabilidade em todos os campos de atuação dos seres humanos. (GUERREIRO, 2006, p. 169)

O mesmo ser que interage no ambiente tecnológico é definido por Vieira (2005) como aquele que na vida real possui papel definido de pai, mãe, filho, marido, esposa, e, portanto, poderia ser visto como cibercidadão: também no ciberespaço definimos códigos de ética, moral e níveis de segredo, a fim de que possamos conviver, em nível agradável. Ainda de acordo com o autor, as sociabilidades se dão em um meio diferente, mas, no entanto, apresentam as mesmas necessidades de comunicação. Não importando o meio utilizado, há a necessidade de comunicar e de ser “visto” pelo outro. Por isso, na visão de Vieira (2005, p. 22) “as novas tecnologias não vieram substituir o contato físico, presencial, corpo a corpo, mas a possibilidade de outras formas de sociabilidades além das já existentes ampliando essa comunicação e criando outras dimensões”.

Concordamos que as novas tecnologias não tencionam substituir o contato físico, mas acreditamos que tanto quanto o mundo real o mundo virtual é vivo e “[...] pode crescer por aqui ou por ali, na medida em que a atenção se coloca aqui ou ali, [e há] uma imensa reserva de virtualidades por que nutrimos temores e projetos, porque imaginamos e desejamos” (LÉVY, 2001, p. 137-138). A explicação do autor esclarece nosso ponto de vista e é fortalecida quando ele diz que o mundo humano é “virtual” bem antes do surgimento das tecnologias digitais, pois ele contém sementes de futuro, possibilidades inexploradas, e nós devemos nos agarrar ao que ainda está por ser explorado, ou ao que já foi explorado, mas deseja ser visto por outro olhar, deseja ser revelado, mostrado no mundo virtual para toda a humanidade. É nessa perspectiva que vemos o *tesouro de conhecimentos* da CSC, pois



**XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,
Documentação e Ciência da Informação**
Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social
Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011

virtualmente “o ciberespaço é o imenso reservatório dinâmico de todas as formas em interação, a forma das formas, a ideia das ideias” (LÉVY, 2001, p. 151). E a nossa ideia de tornar o conhecimento dos moradores disponível no ciberespaço como estímulo à inteligência coletiva da Comunidade, é reforçada quando se pensa que,

[...] a inteligência coletiva anima, secreta e percebe essas formas, utiliza-as como caminhos ou túneis em seu empreendimento de conexão, de transmissão e de mediação entre as inteligências particulares. Pelo intermédio das almas singulares, a inteligência coletiva percebe essas formas cada vez mais claramente, cada vez mais rapidamente e com maior força, em uma extraordinária intensificação da consciência. (LÉVY, 2001, p. 151)

Essa intensificação da consciência a que se refere Lévy é realizada quando imaginamos que a Internet é, como explica Silva (2008), simultaneamente real e virtual (representacional), informação e contexto de interação, espaço e tempo, mas que altera as próprias coordenadas espaço-temporais a que estamos habituados, compactando-as, ou seja, o espaço e o tempo na rede existem na medida em que são construções sociais partilhadas. Esta construção é estruturada pelos laços e valores sociopolíticos, e em razão disso Guerreiro (2006) diz que toda tecnologia é social por excelência. Começa com uma necessidade local e soluciona um obstáculo de desenvolvimento social universalizado, e consiste não apenas em ferramentas e aplicativos, mas em processos e soluções a serem implementadas. De acordo com Lévy (1999), a perspectiva da digitalização das informações pode tornar o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade já a partir do início do século XXI, e essa antevisão se aplica ao que começa a acontecer, por exemplo, na Comunidade Santa Clara.

O ciberespaço, para Lévy (2001), é o principal ponto de apoio de um processo ininterrupto de aprendizagem e de ensino da sociedade por si mesma. No ciberespaço, todas as instituições humanas vão se entrecruzar e convergir para uma inteligência coletiva sempre capaz de produzir e explorar novas formas. A produção de uma nova forma ou formato de registro de conhecimento, que utilizamos para que “o saber” dos moradores da CSC não seja extinto junto com o ciclo de vida dessas pessoas, e permaneça na memória virtual como informação para familiares, amigos e toda a sociedade, é um exercício de inteligência coletiva. A inclusão virtual descortina uma realidade cada vez mais concreta do ponto de vista econômico, social e humano.



3 Percurso da Pesquisa

A natureza deste estudo se caracteriza como pesquisa aplicada por visar, através de teorias, a solução de problemas específicos, ao apontar possíveis caminhos. Este estudo se aplica ao incluir socialmente, uma comunidade popular urbana por meio da aplicação de um artefato digital da web 2.0 para dar visibilidade a Comunidade Santa Clara.

A pesquisa-ação se justifica, pois permite a aproximação da pesquisadora no campo empírico para registrar o conhecimento dos moradores da CSC, seus talentos e ofícios, bem como investigar como esses conhecimentos são transmitidos dentro e fora da comunidade. Além disso, com base nas reflexões de Lima (2007, p. 63) entendemos que a pesquisa-ação aplicada à pesquisa em Ciência da Informação forma uma combinação interessante, principalmente para este estudo, pois proporciona: “de um lado, resultados práticos alcançados pela resolução inovadora de um problema, e, do outro, a contribuição para a ciência em termos de resultados de pesquisa que já foram aplicados e testados no mundo real”.

Na América Latina, a pesquisa-ação também foi formulada em termos de “pesquisa participante”, sendo utilizada como instrumento no contexto das populações carentes, “com seus problemas educacionais, culturais ou de consciência política” (THIOLLENT, 1997, p. 65), e no Brasil tem sido pensada e aplicada no contexto das organizações e instituições:

Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 2000, p. 14)

Refletindo com este autor, sobre o papel do pesquisador na pesquisa-ação, concluímos que contribui no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Cidadãos comuns serão fontes de informação para a pesquisa e coleta de dados, uma vez que, na visão de Thiollent (1997, p.36), “[...] na pesquisa-ação os atores deixam de ser simplesmente objeto de observação, de explicação ou de interpretação. Eles tornam-se sujeitos e parte integrante da pesquisa, de sua concepção, de seu desenrolar, de sua redação e de seu acompanhamento”.

Um esquema representacional foi desenvolvido por Tripp (2005, p. 446) para mostrar o ciclo básico da investigação-ação dividido em quatro fases. O autor explica que a pesquisa-ação é



**XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,
Documentação e Ciência da Informação**
Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social
Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011

um dos inúmeros tipos de investigação-ação, “um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela.” O processo começa pela investigação passando pela ação, e retornando a investigação da ação aplicada para outra possível ação. Nesse processo, é preciso planejar, implantar o planejado, descrever e avaliar os resultados da ação para melhorar a prática, “aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação.”

Para esta pesquisa, a investigação se deu com auxílio da observação participante no campo da pesquisa, onde foi utilizado diário de campo quando as fontes de informação foram acompanhadas no desempenho de suas atividades dentro da Comunidade. Buscamos com a observação, acompanhar a realidade desses sujeitos dentro do regime de informação da Santa Clara, e identificamos quais as tecnologias de informação utilizadas dentro do campo de pesquisa.

A ação planejada foi a criação da interface virtual “*Blog da Comunidade Santa Clara*”, na plataforma Wordpress, visando disseminar o *tesouro de conhecimentos* das pessoas depositárias da memória social e do saber da Santa Clara. A apropriação dos resultados da pesquisa (O *Blog*) pela Comunidade gerou o projeto de extensão “Curso Gerenciamento de *Blogs*”, no âmbito do PPGCI/UFPB, cuja finalidade foi desenvolver competências em informação para moradores da Comunidade, voluntários para dar continuidade ao *blog*. Ademais do projeto de extensão para treinamento dos voluntários da CSC, disseminadores do *tesouro de conhecimentos* da Comunidade, foi desenvolvida uma atividade de ensino mediante um tutorial para criação de *blogs*, em parceria com o Laboratório de Tecnologias Intelectuais – L*Ti* do Departamento de Ciência da Informação da UFPB, disponível no sítio virtual do L*Ti*.



FIGURA 1 - Sítio virtual - Blog da Comunidade Santa Clara.

FONTE - <http://comunidadesantaclara.wordpress.com/category/registro-de-conhecimento/> (2010).

Após a apresentação do Blog para a Comunidade, três moradores da Santa Clara foram atraídos pela pesquisa. Eles foram escolhidos para participar do “Curso Gerenciamento de Blogs” por demonstrarem ter conhecimento das ferramentas necessárias para alimentar o sítio virtual da CSC <comunidadesantaclara.wordpress.com>, e também por estarem dispostos a disseminar e socializar os conhecimentos adquiridos a outros moradores da Comunidade.

A presidente da Associação de Moradores e líder comunitária da CSC nos informou que produziu cartões de visita com endereço do *Blog* da CSC e ao visitar alguma instituição ou órgãos do poder público, para solicitar benefícios para a Comunidade, indica o *Blog* mostrando o quanto a Santa Clara é atuante, e que os moradores têm história para contar sobre o lugar onde eles vivem há mais de 40 anos. Desta forma, o *blog* se configura como um documento eletrônico, comprobatório das informações da Comunidade.

Segundo a líder comunitária o *blog* foi uma bênção e um desejo antigo da diretoria da Associação, que entende a necessidade de se estar conectado ao mundo virtual. Além de dialogar com a presidente da Associação, nos reunimos com os participantes do curso e com moradores indicados por eles, como pessoas que tem “Orkut”, essa é uma referência para quem navega na rede. A maioria tem entre 14 e 20 anos de idade e utilizam a Internet em *lanhouses* localizadas no bairro Castelo Branco, nas proximidades da CSC. De acordo com informações da Associação e dos “internautas santaclarenses”, apenas um morador da CSC tem computador em casa, mas ainda sem acesso à rede.

Um jovem de 14 anos de idade relatou que gostou muito do *blog* e que ficou conhecendo a história da CSC a partir do *tesouro de conhecimentos* publicado no *blog*. Este jovem solicitou



**XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,
Documentação e Ciência da Informação**
Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social
Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011

a responsável pela inserção de conteúdos no *blog*, para inserir conteúdos do grupo de dança, do qual ele faz parte. Quem insere conteúdos no sítio virtual é uma das participantes do Curso Gerenciamento de Blogs, com 26 anos de idade. Ela registra as manifestações culturais e os momentos festivos na Comunidade, e foi quem se mostrou mais interessada em realizar esse trabalho.

Para outro morador de 16 anos, o Blog da CSC é uma forma de divulgar a Comunidade para os amigos de outros bairros. Ele afirmou estar feliz por saber que o lugar onde nasceu e cresceu pode ser visto em qualquer parte do mundo, e disse que ao teclar com os amigos, por meio de redes sociais e *chats*, sempre indica o *blog*.

Esses depoimentos sinalizam que estes moradores se inseriram no ciberespaço e que foi criado um processo de reconhecimento dos moradores entre si e destes perante outras comunidades através dos jovens internautas. Há ainda o reconhecimento proporcionado pela divulgação do Blog que a presidente da Associação de Moradores da CSC faz perante instituições e a sociedade civil.

4 Considerações Finais

Ao realizar uma pesquisa, pensando na nossa responsabilidade social perante o objeto pesquisado, aspiramos que os conhecimentos adquiridos pelo trabalho sejam disseminados e venham a trazer benefícios, neste caso, para a Comunidade pesquisada.

A inclusão do *tesouro de conhecimentos* da CSC no ciberespaço, bem como o empoderamento da Comunidade na competência intelectual para uso da tecnologia digital de comunicação da informação, podem propiciar a valorização da identidade cultural dos moradores da CSC e o exercício da cidadania.

O blog foi o instrumento da virtualização da Comunidade e pode ser uma variável importante na consciência do valor da informação (a que se consome e a que se produz). Usar a tecnologia como meio de comunicação e luta de classes, para projetar a identidade cultural e se fazer ouvir nas instâncias do poder político é uma forma de inclusão social/digital (FREIRE, 2006c). É por isso que “a democratização do acesso às tecnologias digitais de informação e comunicação deveria ser vista como elemento fundamental nas políticas inclusão social”. (FREIRE, 2010a, p. 83).



**XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,
Documentação e Ciência da Informação**
Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social
Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011

A Comunidade agora tem uma possibilidade de conseguir reconhecimento perante a sociedade civil, a exemplo de instituições que desejam investir na CSC com criação de projetos que beneficiem a população. Além disso, os “santa-clarenses” podem ampliar suas possibilidades de ação no mundo, para serem reconhecidos e se reconhecerem, como uma forma de motivar cada morador a lutar por melhorias para si mesmo e para a coletividade, construindo um mundo melhor no presente e para a posteridade. O tempo e o acompanhamento dessa gratificante experiência, onde pesquisa-ensino-extensão caminharam juntos, nos dirá sobre o resultado dessa intervenção para inclusão social da Comunidade Santa Clara.

Social Inclusion of the Residents of Santa Clara Community an action in the cyberspace

ABSTRACT: This research developed in the Masters Program in Information Science at the Universidade Federal da Paraíba (UFPB), by the Comunidade Santa Clara (CSC) in the city João Pessoa, Paraíba. The aim was directed to include the residents of this community in the information society through the virtual inclusion. The intervention occurred through field research for registration, organization and dissemination of “information sources”, constituted by people from the CSC. It produced a website “Blog da Comunidade Santa Clara” where it deposited, to free access in the internet, the “knowledge treasure” of people who form the social memory and knowledge of CSC. The action of information developed in the community aimed to promote the exercise of citizenship and recognition of the inhabitants of their social identity and their reality, and facilitate the production of new knowledge by other social actors. When they are inserted in the virtual world, the residents can come to be recognized by civil society and transform its “knowledge treasure” into benefits for the CSC.

KEYWORDS: Community. Blog. Cyberspace. Information Science. Social Inclusion.

Referências

BARRETO, A. A. A oferta e a demanda da informação: condições técnicas, econômicas e políticas, **Ci. Inf.**, Brasília, v. 28, n. 2, p. 167-177, 1999.

CHALAÇA, A.M.; FREIRE, I.M.; MIRANDA, M.L.C. de. O tesouro de conhecimento de um bairro chamado Maré: pessoas como fontes de informação. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 24, p. 92-110, 2º sem., 2007.

CHESNEAUX, Jean. **Modernidade-mundo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

FREIRE, I. M. Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 58-67, maio/ago. 2006.



**XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,
Documentação e Ciência da Informação**
Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social
Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011

_____. Janelas da cultura local: abrindo oportunidades para inclusão digital de comunidades. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. p. 227-235, set./dez. 2006c.

_____. A consciência possível para uma ética da informação na sociedade em rede. In: Simpósio Brasileiro de Ética da Informação, 1., 2010, João Pessoa. **E-book...** João Pessoa: UFPB/DCI, 2010a. p. 78-105.

GUERREIRO, P. E. Aprendizagem espontânea e infoinclusão social. IN: _____. **Cidade digital: infoinclusão e tecnologia em rede**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, p. 179-194, 2006.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999. (Coleção Trans).

_____. **A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência**. Tradução Maria Lúcia Homen e Ronaldo Entler. São Paulo: Ed. 34, 2001. 192 p.

LIMA, J. A. O. de. Pesquisa-ação em Ciência da Informação. In: MUELLER, S. P. M. (Org.). **Métodos para pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 63-82. (Série Ciência da Informação e da Comunicação).

NUNES FILHO, P. Hipermídia: diversidades sógnicas e reconfigurações no ciberespaço. IN: _____. (Org.). **Mídias digitais & interatividade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, p. 219-232, 2009.

SILVA, O. L. A Internet – a geração de um novo espaço antropológico. In: LEMOS, A.; PALACIOS, M. (Orgs.) **Janelas do ciberespaço: comunicação e cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2008, p. 152-172.

SÍTIO VIRTUAL. **Blog da Comunidade Santa Clara**. Disponível em: <http://comunidadesantaclara.wordpress.com/category/registro-de-conhecimento/>. Acesso em: 14 fev. 2011.

THIOLLENT, M. **Pesquisa-ação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1997.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.



**XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,
Documentação e Ciência da Informação**
Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social
Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011

VIEIRA, D. de A. **Sociedades virtuais:** discutindo a sociologia do Ciberespaço. 2005. 129f.
Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.